**RESUMO DOS CANTOS**

**CANTO I**

**1-3** - **Proposição**: Camões propõe-se a cantar os feitos dos Portugueses.

**4 -5** - **Invocação**: O poeta invoca as Tágides (ninfas do Tejo).

**6 -18** - **Dedicatória**: O poema é dedicado a D. Sebastião.

**19** – Início**da Narração**: A Armada no Oceano Índico.

**20-41** - Os Deuses discutem no Olimpo. Júpiter e Vénus apoiam os Portugueses, e Baco opõe-se. Marte apoia Vénus.

**42-99** - A Armada em Moçambique. Vasco da Gama recebe o regedor e este último, incitado por Baco, ataca os Portugueses, mas é vencido. Mostra-se arrependido e oferece um falso piloto ao Gama

**100-102** - O falso piloto dirige as naus para Quíloa, mas Vénus afasta os Portugueses do perigo de uma emboscada.

**103-104** - Chegada a Mombaça.

**105-106** - Considerações sobre a insegurança e as falsidades da vida.

**CANTO II**

**1-28** - O rei de Mombaça, mandado por Baco, tenta destruir a Armada Portuguesa atraindo-a ao porto. Vénus pede ajuda às Nereidas e estas afastam as naus. O falso piloto e os mouros julgam ter sido descobertos e fogem.

**29-32** - Vasco da Gama apercebe-se da cilada e pede a deus que o ajude a chegar à Índia.

**33-63** - Vénus pede a Júpiter que ajude os Portugueses. Júpiter concorda e profetiza-lhes sucesso. Mercúrio aparece em sonhos ao Gama e diz-lhe para seguir viagem.

**64-71** - Partida de Mombaça. Os Portugueses capturam um navio e os mouros levam-nos a Melinde.

**72-91** - Receção festiva em Melinde.

**92-113** - O rei de Melinde visita a Armada e pede ao Gama que lhe conte a história de Portugal.

**CANTO III**

**1-2** - Invocação de Camões a Calíope.

**3-5** - O Gama resume ao rei de Melinde o que lhe vai contar: terras, gentes e feitos de armas.

**6-21** - Situação geográfica da Europa e de Portugal

**22-98** - Viriato, Conde D. Henrique, reis de Portugal (de D. Afonso Henriques a D. Dinis), Egas Moniz, guerras da Reconquista, Batalha de Ourique.

**99-135** - D. Afonso VI, Batalha do Salado, episódios Líricos de Inês e da formosíssima Maria.

**136-143** - Reinados de D. Pedro e D. Fernando.

**CANTO IV**

**1-50** - Mestre de Avis como rei de Portugal, discurso de Nun'Álvares, Batalha de Aljubarrota, conquista de Ceuta.

**51-65** - Reinados de D. Duarte, D. Afonso V e D. João II.

**66-93** - Reinado de D. Manuel. Sonho do rei em que aparecem os rios Ganges e Indo a profetizar o sucesso dos Portugueses na Índia. A Armada parte de Belém rumo ao Oriente.

**94-104** - O Velho do Restelo.

**CANTO V**

**1-36** - O Gama conta ao rei de Melinde a viagem até ao cabo das tormentas. Partida para o Equador. Fogo de Santelmo. A tromba Marítima. Fernão Veloso na Baía de Santa Helena.

**37-60** - O gigante Adamastor.

**61-91** - Gama acaba o relato da viagem até Melinde. Sofala. O escorbuto. Elogio à coragem dos Portugueses.

**92-100** - Desânimo do poeta face ao desprezo dos Portugueses pelas Letras, e em especial pela poesia.

**CANTO VI**

**1-6** - O povo de Melinde festeja os Portugueses. Partida das naus para os mares da Índia.

**7-37** - Baco fala com Neptuno. Concílio dos Deuses Marinhos. Discurso de Baco. Éolo é incitado a soltar os ventos para impedir a viagem dos Portugueses.

**38-69** - A bordo, os Portugueses contam histórias para passar o tempo. Fernão Veloso conta o episódio dos Doze de Inglaterra.

**70-84** - A tempestade.

**85-91** - Vénus e as ninfas abrandam os ventos.

**92-94** - As naus chegam a Calecut. O Gama agradece de novo a Deus.

**95-99** - Camões medita sobre o valor da glória.

**CANTO VII**

**1-14** - A Armada está na barra de Calecut. Camões elogia o espírito aventureiro dos Portugueses, comparando-os com outros povos que nada fazem.

**15-22** - Entrada em Calecut. Descrição da Índia.

**23-27** - Contacto com o povo desconhecido.

**28-41** - Monçaide descreve o Malabar.

**42-56** - O Gama desembarca e o Catual leva os Portugueses até junto do Samorim.

**57-66** - O Gama visita o Samorim. Acolhimento dos Portugueses.

**66-77** - Paulo da Gama recebe o catual a bordo da Armada.

**78-87**- Camões faz nova invocação às Ninfas do Tejo e do Mondego, e queixa-se da sua infelicidade.

**CANTO VIII**

**1-43** - Paulo da Gama descreve ao Catual as figuras das bandeiras das naus.

**44-56** - O Catual regressa a terra. Baco intervém de novo, pondo os indianos contra os

Portugueses.

**57-78** - O Gama pede para ser recebido pelo Samorim. Este acredita no discurso do capitão e deixa que regresse à sua nau.

**79-95** - O Catual tenta deter Vasco da Gama em terra, mas como tem medo do Samorim, liberta-o a troco de mercadorias. O capitão regressa à nau e ficam dois feitores em terra.

**96-99** - Reflexões do poeta sobre o poder do ouro.

**CANTO IX**

**1-17** - Em Calecut espera-se uma armada Muçulmana para destruir a Portuguesa. Monçaide avisa o Gama, que levanta âncora, aprisionando os mercadores indianos como castigo. Os mercadores são trocados pelos feitores, e a Armada volta a Portugal. **18-50** - Vénus decide recompensar os Portugueses.

**51-92** - Ilha dos Amores. Descrição e acolhimento das Ninfas aos Portugueses. Tétis recebe o Gama no palácio.

**93-95** - Exortação de Camões aos que sonham com a imortalidade.

**CANTO X**

**1-143** - Ilha dos Amores. Profecia dos feitos dos Portugueses no Oriente feita por uma Ninfa. Invocação a Calíope. A Ninfa continua as profecias. Tétis indica ao Gama os locais onde os Portugueses serão célebres. Os marinheiros despedem-se e partem.

**144** - Chegada a Portugal.

**145-156** - O poeta lamenta-se e promete a D. Sebastião cantar as futuras glórias e conclui assim a sua dedicatória, encerrando com ela a obra.

**APONTAMENTOS**

**O Género Épico**

O género épico remonta à antiguidade grega e latina sendo os seus expoentes máximos Homero e Virgílio.

A **epopeia** é um género narrativo em verso, em estilo elevado, que visa celebrar feitos grandiosos de heróis fora do comum reais ou lendários. Tem pois sempre um fundo histórico; de notar que o género épico é um género narrativo e que exige na sua estrutura a presença de uma ação, desempenhada por personagens num determinado tempo e espaço. O estilo é elevado e grandioso e possui uma estrutura própria, cujos principais aspetos são:

1. **PROPOSIÇÃO** - em que o poeta apresenta a matéria do poema;
2. **INVOCAÇÃO** - às musas ou outras divindades e entidades míticas protetoras das artes;
3. **DEDICATÓRIA** - em que o autor dedica o poema a alguém, sendo esta facultativa;
4. **NARRAÇÃO** - a ação é narrada por ordem cronológica dos acontecimentos, mas inicia-se já no decurso dos acontecimentos (“in medias res”), sendo a parte inicial narrada posteriormente num processo de retrospetiva, “flash-back” ou “analepse”;

**Estrutura Externa d'*Os Lusíadas***

A obra divide-se em dez partes, às quais se chama cantos. Cada canto tem um número variável de estrofes (em média de 110). O canto mais longo é o X, com 156 estrofes.

As estrofes são **oitavas**, portanto constituídas por oito versos. Cada verso é constituído por dez sílabas métricas; nas sua maioria, os versos são heroicos (acentuados nas sextas e décimas sílabas).

O esquema rimático é o mesmo em todas as estrofes da obra, sendo portanto, rima cruzada nos seis primeiros versos e emparelhada nos dois últimos (AB-AB-AB-CC).

Esta estrutura externa é semelhante à das epopeias clássicas.

**Estrutura Interna *d'Os Lusíadas***

É na sua estrutura interna, isto é, no desenvolvimento do assunto, que *Os Lusíadas*se revelam mais claramente como uma epopeia clássica apresentando a seguinte estrutura:

* **Proposição**

**Canto I, est. 1-3**, em que Camões proclama ir cantar as grandes vitórias e os homens ilustres -“as armas e os barões assinalados”; as conquistas e navegações no Oriente (reinados de D. Manuel e de D. João III); as vitórias em África e na Ásia desde D. João a D. Manuel, que dilataram “a fé e o império”; e, por último, todos aqueles que pelas suas obras valorosas “se vão da lei da morte libertando”, todos aqueles que mereceram e merecem a “imortalidade” na memória dos homens.

A proposição aponta também para os “ingredientes” que constituíram os quatro planos do poema:

1. **Plano da Viagem - celebração de uma viagem:**

"...da Ocidental praia lusitana / Por mares nunca de antes navegados / Passaram além da Tapobrana...";

1. **Plano da História - vai contar-se a história de um povo:**

"...o peito ilustre lusitano..."."...as memórias gloriosas / Daqueles Reis que foram dilatando / A Fé, o império e as terras viciosas / De África e de Ásia...";

1. **Plano dos Deuses (ou do Maravilhoso) - ao qual os Portugueses se** **equiparam:**

"... esforçados / Mais do que prometia a força humana..."."A quem Neptuno e Marte obedeceram...";

1. **Plano do Poeta - em que a voz do poeta se ergue, na primeira** **pessoa:**

"...Cantando espalharei por toda a parte. / Se a tanto me ajudar o engenho e arte..."."...Que eu canto o peito ilustre lusitano...".

* **Invocação**

**Canto I, est. 4-5**, o poeta pede ajuda a entidades mitológicas, chamadas musas. Isso acontece várias vezes ao longo do poema, sempre que o autor precisa de inspiração:

1. Tágides ou ninfas do Tejo (Canto I, est. 4-5);
2. Calíope - musa da eloquência e da poesia épica (Canto II, est. 1-2);
3. Ninfas do Tejo e do Mondego (Canto VII, est. 78-87);
4. Calíope (Canto X, est. 8-9);
5. Calíope (Canto X, est. 145).
* **Dedicatória**

**Canto I, est. 6-18**, é o oferecimento do poema a D. Sebastião, que encara toda a esperança do poeta, que quer ver nele um monarca poderoso, capaz de retomar “a dilatação da fé e do império” e de ultrapassar a crise do momento.

Termina com uma exortação ao rei para que também se torne digno de ser cantado, prosseguindo as lutas contra os Mouros.

* **Narração**

**Começa no Canto I, est. 19**e constitui a ação principal que, à maneira clássica, se inicia “*in medias res*”, isto é, quando a viagem já vai a meio, “Já no largo oceano navegavam”, encontrando-se já os portugueses em pleno Oceano Índico.

Este começo da ação central, a viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia, quando os portugueses se encontram já a meio do percurso do canal de Moçambique vai permitir:

* A narração do percurso até Melinde (narrador heterodiegético – 3ª pessoa, não intervém na ação);
* A narração da História de Portugal até à viagem (por Vasco da Gama narrador heterodiegético);
* A narração da viagem (ação central) por Vasco da Gama, este é narrador homodiegético (personagem participante).

A narrativa organiza-se em quatro planos: o da viagem, e o dos deuses, em alternância, ocupam uma posição importante. A História de Portugal está encaixada na viagem. As considerações pessoais aparecem normalmente nos finais de canto e constituem, de um modo geral, a visão crítica do poeta sobre o seu tempo.

**Os Planos Temáticos da Obra**

* **Plano da Viagem**

A narração dos acontecimentos durante a viagem entre Lisboa e Calecut.

* **Plano da História de Portugal**

Em Melinde, Vasco da Gama narra ao rei os acontecimentos de toda a nossa história, desde Viriato até ao reinado de D. Manuel I.

Em Calecut, Paulo da Gama apresenta ao Catual os episódios e as personagens representados nas bandeiras das naus.

A história posterior à viagem de Vasco da Gama é-nos narrada em prolepse, através de profecias.

* **Plano da Mitologia**

A mitologia permite a evolução da ação (os deuses assumem-se como adjuvantes ou como oponentes dos portugueses) e constitui, por isso, a intriga da obra.

* **Plano do Poeta**

Considerações e opiniões do autor, expressões nomeadamente no início e no fim dos cantos.